PERFIL DA VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA REGISTRADA NO DISQUE 100 DE 2011 A 2015, BRASIL

Profile of violence against older individuals registered at the Dial 100 in the period 2011-2015 in Brazil

Lúcia de Medeiros Taveira^a , Maria Liz Cunha de Oliveira^b

RESUMO

OBJETIVO: Analisar o perfil das denúncias de violência contra os idosos registradas no Disque 100, entre os anos de 2011 e 2015. **METODOLOGIA:** Estudo descritivo-retrospectivo, baseado em amostra composta de 130.164 denúncias. Para coleta de dados, elaborou-se um roteiro contendo as seguintes variáveis: cidade, sexo, faixa etária, raça/cor, local onde ocorre a agressão, tipo da violência e relação da vítima com o suspeito. **RESULTADOS:** Ao analisarmos os dados por região brasileira, nota-se que o maior número de registros ocorreu na Região Sudeste (42,27%) e o menor na Região Norte (6,79%). Quando analisamos as denúncias por 100.000 habitantes, encontramos como estados líderes no *ranking* de denúncia de violência contra o idoso Amazonas, Distrito Federal e Rio Grande do Norte. O perfil das possíveis vítimas denunciadas foi: idade entre 76 e 80 anos, com predominância feminina e de cor branca. Observa-se que os filhos são os principais suspeitos de cometer agressão e os netos elencam a segunda posição no *ranking* de suspeitos. Em relação ao local da ocorrência do ato violento, os dados indicam que o maior percentual de violência ocorre na casa da vítima, seguido pela casa do suspeito. No que se refere aos tipos de violência, a negligência (36,72%) foi a mais recorrente, seguida da violência psicológica (28,46%) e do abuso financeiro (20,45%). **CONCLUSÃO:** O Disque 100 é uma das ferramentas mais eficazes para romper o silêncio e a invisibilidade da violência contra os idosos, fornecendo um panorama de denúncias em nosso país. **PALAVRAS-CHAVE:** idoso; violência; maus-tratos ao idoso.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To analyze the profile of the reports of violence and abuse against older people registered in the Dial 100 helpline from 2011 to 2015. **METHODS:** This was a descriptive, retrospective study, based on a sample of 130 164 denunciation reports of the Dial 100. The data collection considered the following variables: city, sex, age, race, place of abuse, type of abuse, and the victim's relationship with the suspect. **RESULTS:** The greatest number of reports was registered in the Southeast (42.27%), and the lowest in the North (6.79%). When we analyze the complaints per 100 000 inhabitants, we found as leading states in the ranking of complaints of violence against older people: Amazonas, Federal District, and Rio Grande do Norte. The main profile of possible victims was age from 76 to 80 years, predominantly women, and white. The main abusers were the victim's children and grandchildren. The most frequent type of abuse was negligence (36.72%), followed by psychological abuse (28.46%), and financial abuse (20.45%). **CONCLUSION:** The Dial 100 helpline is one of the most effective tools for breaking the silence and invisibility of abuse and violence against older adults, offering a panorama of abuse denunciation in our country. **KEYWORDS:** aged; violence; older adult abuse.

^aUniversidade Paulista – Brasília (DF), Brasil.

^bUniversidade Católica de Brasília – Brasília (DF), Brasil.

Dados para correspondência

Lúcia de Medeiros Taveira – Universidade Paulista – SGAS Quadra 913, s/nº, conjunto B – Asa Sul – CEP: 70390-130 – Brasília (DF), Brasil.

E-mail: luciamtaveira@yahoo.com.br

Recebido em: 26/10/2019. Aceito em: 27/04/2020

DOI: [10.5327/Z2447-21232020000081](https://doi.org/10.5327/Z2447-21232020000081)

INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo singular, individual, dinâmico, progressivo e irreversível. Além dos fenômenos inerentes ao processo de envelhecimento, como as modificações fisiológicas e patologias consideradas típicas dessa fase da vida, a pessoa idosa também está mais suscetível e vulnerável ao fenômeno da violência, que, por sua vez, é um problema com consequências devastadoras, pois acarreta estresse psicológico, lesões traumáticas, falta de segurança, bem como a morbidade e a mortalidade.^{1,2}

A violência contra o idoso caracteriza-se por ser um ato (único ou repetido) ou uma omissão que lhe cause danos ou aflição e resulta, na maioria das vezes, em sofrimento, lesão, dor, omissão ou perda dos direitos humanos e redução da qualidade de vida do idoso.³ Os idosos são vítimas dos mais diversos tipos de violência, que vão desde insultos e espancamentos pelos próprios familiares e cuidadores (violência doméstica) até maus-tratos sofridos em transportes públicos e instituições públicas e privadas (violência social).⁴

A violência contra o idoso no Brasil pode ser registrada em vários locais, como Ministério Público, Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais do Idoso, nas delegacias de polícia e, em casos mais graves, no Instituto Médico Legal. Ressalta-se que, na área da saúde, a violência contra a pessoa idosa se tornou objeto de vigilância epidemiológica no Brasil, atendendo à Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 — Estatuto do Idoso (EI) —, art. 19: “Os casos de suspeita ou confirmação de maus-tratos contra idosos serão objeto de notificação compulsória pelos serviços de saúde públicos e privados à autoridade sanitária”.⁵ Há pouco tempo, essa orientação foi alterada pela Lei nº 12.461, de 26 de julho de 2011: “Os casos de suspeita ou confirmação de violência praticada contra idosos serão objeto de notificação compulsória pelos serviços de saúde públicos e privados à autoridade sanitária, bem como serão obrigatoriamente comunicados por eles”.⁶

Além desses canais, o Brasil dispõe, no Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, um serviço conhecido como Disque 100 ou Disque Direitos Humanos, atuando no registro de denúncias contra violações de direitos humanos, via telefone. O serviço funciona diariamente, 24 horas, também em finais de semana e feriados, recebendo denúncias anônimas e garantindo o sigilo.⁷ Criado em 1997 com o nome de Disque Denúncia Nacional de Denúncia contra Abuso e Exploração de Crianças e Adolescentes, inicialmente foi uma iniciativa de organizações não governamentais para mensurar violências voltadas a essa população e agir contra elas. Em 2003, compreendeu-se a necessidade de

que o serviço fosse institucionalizado como de urgência, tornando-se responsabilidade do governo federal e da Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH).⁷

O Disque 100, que, em um primeiro momento, respondia somente a denúncias de violência contra crianças e adolescentes, ampliou seu leque de proteção em 2010, passando a atender aos casos de abuso contra idosos, pessoas com deficiência, população de rua, comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), além de grupos sociais em situação de vulnerabilidade, revisando, analisando e encaminhando essas denúncias diretamente aos órgãos competentes.⁷

Ainda que limitadas pela defasagem temporal relevante entre a denúncia e o registro, as análises que adotam como informações os casos de violência notificados em uma base de dados oficial constituem um componente essencial de avaliação da dinâmica espaço-temporal da epidemia de violência contra o idoso.

O presente estudo analisa o perfil das denúncias de violência contra os idosos registradas no Brasil, no Disque 100/ SEDH, entre os anos de 2011 e 2015, e a evolução espacial desses casos.

METODOLOGIA

Desenvolveu-se um estudo ecológico, descritivo e retrospectivo com base na análise de séries temporais de dados secundários. Estudaram-se os casos de violência denunciados à SEDH da Presidência da República pelo Disque 100, no período de 2011 a 2015. As denúncias são realizadas via telefone, seguido por WhatsApp e *e-mail*.

Para a coleta de dados, elaborou-se, pelas pesquisadoras, um roteiro contendo as seguintes variáveis: sexo, faixa etária, raça/cor, local onde ocorre agressão, tipo da violência, relação da vítima com o suspeito e número de denúncias sobre violência registradas no período de 2011 a 2015, por região geográfica.

Em virtude da natureza oficial dos dados, as pesquisadoras elaboraram uma planilha-modelo com base na necessidade deste estudo e protocolaram uma solicitação para a SEDH da Presidência da República a fim de que um servidor de carreira realizasse o preenchimento da planilha. No entanto, no mês de março de 2016, a SEDH forneceu um banco de dados bruto com o período solicitado. De posse dessa ferramenta, retiraram-se as variáveis da planilha-modelo.

O critério de inclusão na pesquisa foi de denúncias registradas no Disque 100 cujas vítimas eram pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Para análise dos dados, foram rodadas frequências por meio do *software* Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) IBM 22.0 for Windows. Utilizou-se também o Excel para a elaboração das tabelas e dos gráficos.

Esta pesquisa atende aos preceitos éticos descritos na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e foi aprovada pelo CEP da Universidade Católica de Brasília (UCB), Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 50065915.2.0000.0029.

RESULTADOS

No período de 2011 a 2015, registraram-se 130.164 denúncias no Disque 100 de todo território nacional. O recebimento de uma denúncia não significa, necessariamente, a ocorrência de maus-tratos ou que estes representem fielmente a realidade social.

Vale ressaltar que o número total dos tipos de violência é diferente do número total de possíveis vítimas. Tal constatação permite-nos concluir que uma única pessoa pode denunciar mais de um tipo de violência.

De acordo com a série histórica do período, percebe-se um aumento gradativo de denúncias entre os anos de 2011 e 2012 de 186,30%, e mais 65,52% entre 2012 e 2013. Entre os anos de 2013 e 2014, ocorreu uma queda desses números, chegando a 30,27% no ano de 2014, porém em 2015 ocorreu elevação de 18,62% (Gráfico 1).

Na análise dos dados por região brasileira, nota-se maior número de registro na Região Sudeste (42,27%), seguido

das regiões Nordeste (28,46%), Sul (14,08%), Centro-Oeste (8,40%) e Norte (6,79%). Quando se avalia o número de denúncias por 100 mil habitantes, os estados do Amazonas e Rio Grande do Norte e o Distrito Federal surgem como líderes em denúncias no Disque 100.

A Tabela 1 apresenta o perfil sociodemográfico das vítimas de violência das denúncias registradas pela SEDH. Em relação à faixa etária, verifica-se maior número de registros entre 76 e 80 anos, com predominância do sexo feminino (63,64%) e de pessoas de cor branca.

No que se refere aos tipos de violência, a negligência (36,72%) foi a mais recorrente, seguida da violência psicológica (28,46%) e do abuso financeiro (20,45%) (Tabela 2). Ao longo dos anos investigados, a negligência apresentou um percentual médio de $35,31 \pm 3,64\%$ em relação à violência psicológica. É possível verificar que o seu padrão de ocorrência se manteve no período avaliado.

Em relação ao local da ocorrência do ato violento contra os idosos (Tabela 3), os dados analisados indicam que o maior percentual de violência ocorre na casa da vítima, seguido pela casa do suspeito. Vale ressaltar que foram destacados na Tabela 3 os dados relacionados à violência cometida em hospitais e institutos de longa permanência de idosos. Também é importante mencionar que os “outros locais” mencionados na tabela incluem os diversos espaços públicos, tais como ruas, ônibus, delegacias, local de trabalho, igrejas, escolas, albergues etc.

Na Tabela 4, apresenta-se, de forma detalhada, o vínculo entre a vítima e o suspeito agressor. Observa-se que os filhos são os principais suspeitos de cometer agressão e os netos elencam a segunda posição no *ranking* de suspeitos.

Gráfico 1 Número total de denúncia de violência contra o idoso notificado no Disque 100 por ano.

Um dado que chama a atenção são as denúncias nas quais o suspeito não é identificado (NI), correspondendo a 9,93% do total, como também a quantidade de denúncias registradas em que não há identificação do suposto agressor (4,78%).

No que se refere às denúncias nas quais o suposto agressor é o cuidador ou o vizinho da vítima, ambas apresentam

aumento expressivo entre os anos de 2011 e 2013, porém ocorreu diminuição nos anos subsequentes. Esse padrão é observado também para irmãos, genros/noras e outros.

Vê-se também que o número de denúncias vinculadas a supostos agressores desconhecidos vem apresentando uma tendência à redução no período avaliado, enquanto as

Tabela 1 Número de denúncias de violência realizadas na Secretaria de Direitos Humanos, nos anos de 2011/2015, Brasil (n=144.026).

Variável/Ano	2011		2012		2013		2014		2015		Média	Desvio
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	%	%
Feminino	6.047	67,23	15.520	66,32	28.317	64,09	19.423	62,68	22.359	61,32	64,32	2,46
Masculino	2.566	28,53	6.776	28,95	13.019	29,47	9.251	29,85	10.848	29,85	29,33	0,57
Não identificado	381	4,24	1.106	4,73	2.845	6,44	2.313	7,47	3.255	8,93	6,35	1,93
Total	8.994	100	23.402	100	44.181	100	30.987	100	36.462	100		
Faixa Etária	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
60-65	1.226	13,63	3.632	15,52	6.431	14,56	4.504	14,54	4.750	13,03	14,25	0,95
66-70	1.488	16,54	4.071	17,40	7.382	16,71	5.074	16,37	5.914	16,22	16,64	0,45
71-75	1.371	15,24	3.545	15,15	6.393	14,47	4.425	14,28	5.015	13,75	14,57	0,62
76-80	1.564	17,39	4.406	18,83	7.882	17,84	5.743	18,53	6.798	18,64	18,24	0,60
81-85	1.164	12,94	2.920	12,48	5.449	12,33	3.808	12,29	4.493	12,32	12,47	0,27
86-90	790	8,78	2.160	9,23	4.081	9,24	2.913	9,40	3.539	9,71	9,27	0,33
91 a mais	456	5,07	1.234	5,27	2.164	4,90	1.464	4,72	1.894	5,19	5,03	0,22
Não identificado	935	10,40	1.434	6,13	4.399	9,96	3.056	9,86	4.059	11,13	9,49	1,94
Total	8.994	100	23.402	100	44.181	100	30.987	100	36.462	100		
Raça	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%		
Branca	3.855	42,86	7.957	34,00	14.935	33,80	11.069	35,72	12.170	33,38	35,95	3,96
Parda	2.930	32,58	6.737	28,79	11.830	26,78	7.788	25,13	8.474	23,24	27,30	3,59
Não informada	1.058	11,76	6.610	28,25	13.655	30,91	9.475	30,58	12.960	35,54	27,40	9,13
Preta	1.033	11,49	1.930	8,25	3.499	7,92	2.478	8,00	2.659	7,29	8,59	1,65
Indígena	64	0,71	73	0,31	104	0,24	63	0,20	76	0,21	0,33	0,21
Amarela	54	0,60	95	0,41	158	0,36	114	0,37	123	0,34	0,41	0,10
Total	8.994	100	23.402	100	44.181	100	30.987	100	36.462	100		

Tabela 2 Número de denúncias segundo o tipo de violência realizadas na Secretaria de Direitos Humanos, nos anos de 2011/2015, Brasil (n=260.601).

Violências	2011		2012		2013		2014		2015		Média	Desvio
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	%	%
Negligência	4.925	27,49	16.218	33,99	29.426	37,10	20.741	38,65	24.397	38,65	35,31	3,64
Violência psicológica	4.991	27,86	13.924	29,19	21.832	27,52	14.788	27,56	16.350	27,56	27,69	0,96
Abuso financeiro/patrimonial	4.052	22,62	9.418	19,74	16.796	21,18	10.523	19,61	12.522	19,61	20,66	0,96
Violência física	3.803	21,23	7.930	16,62	10.803	13,62	7.417	13,82	8.630	13,82	15,84	2,42
Violência institucional	141	0,79	212	0,44	446	0,56	187	0,35	179	0,35	0,49	0,15
Total	17.912	100	47.702	100	79.303	100	53.656	100	62.028	100		

Tabela 3 Número de denúncias segundo o local de ocorrência da violência realizadas na Secretaria de Direitos Humanos, nos anos de 2011/2015, Brasil (n=134.280).⁷

Local	2011		2012		2013		2014		2015		Média	Desvio
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	%	%
Casa da vítima	4.725	56,36	17.376	71,38	29.919	73,84	21.395	76,48	25.214	76,25	72,47	6,02
Casa do suspeito*	488	5,82	2.494	10,24	3.352	8,27	2.203	7,87	2.670	8,07	8,31	1,26
Instituição de longa permanência	147	1,75	280	1,15	603	1,49	424	1,51	443	1,34	1,42	0,18
Hospital	56	0,67	262	1,08	537	1,32	406	1,45	373	1,13	1,18	0,23
Outros locais**	2.968	35,40	3.931	16,15	6.107	15,07	3.548	12,68	4.368	13,21	16,63	6,77
Total	8.384	100	24.343	100	40.518	100	27.976	100	33.068	100		

*Casa do suspeito é a casa do agressor; **outros locais incluem ruas, ônibus, igrejas, escolas, delegacias, local de trabalho, albergues e outros menos recorrentes.

Tabela 4 Número de denúncias segundo o vínculo da vítima com o agressor, realizadas na Secretaria de Direitos Humanos, nos anos de 2011/2015, Brasil (n=234.567).⁷

Agressor	2011		2012		2013		2014		2015		Média	Desvio
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	%	%
Filho	6.098	51,61	20.801	50,29	36.677	51,40	26.222	51,55	31.914	53,94	51,76	1,19
Neto(a)	979	8,29	3.379	8,17	5.890	8,25	4.066	7,99	4.772	8,07	8,15	0,11
Desconhecido(a)	978	8,28	3.074	7,43	4.122	5,78	1.829	3,60	1.224	2,07	5,43	2,32
Genro/Nora	471	3,99	2.282	5,52	3.846	5,39	2.586	5,08	2.694	4,55	4,91	0,57
Vizinho (a)	617	5,22	2.116	5,12	3.074	4,31	2.000	3,93	2.175	3,68	4,45	0,62
Sobrinho(a)	424	3,59	1.198	2,90	2.149	3,01	1.666	3,28	1.819	3,07	3,17	0,24
Irmão(ã)	320	2,71	1.037	2,51	1.813	2,54	1.354	2,66	1.583	2,68	2,62	0,08
Cuidador (a)	276	2,34	848	2,05	1.164	1,63	846	1,66	825	1,39	1,81	0,33
Esposa	217	1,84	691	1,67	1.045	1,46	819	1,61	921	1,56	1,63	0,12
Marido	138	1,17	517	1,25	669	0,94	1.513	2,97	524	0,89	1,44	0,78
Companheiro(a)	143	1,21	330	0,80	534	0,75	291	0,57	413	0,70	0,81	0,22
Outros	613	5,19	1.838	4,44	3.450	4,83	2.776	5,46	3.081	5,21	5,03	0,35
Não Informado	271	2,29	3.193	7,72	6.925	9,70	5.899	11,60	7.018	11,86	8,64	3,50
Total	11.815	100	41.364	100	71.358	100	50.867	100	59.163	100		

denúncias nas quais a identidade do suposto agressor não é revelada demonstram tendência crescente. Em contrapartida, as denúncias em que o suposto agressor é o filho da vítima se mantêm em um patamar constante.

DISCUSSÃO

Para a série histórica aqui estudada, verifica-se o crescimento gradativo de denúncias de maus-tratos contra a pessoa idosa em todo o país. Quando se analisam as denúncias por 100 mil habitantes, em todos os anos estudados, são estes os líderes no *ranking* de denúncia de violência contra o idoso

encontrados: Amazonas, Distrito Federal e Rio Grande do Norte. Esse achado difere do estudo realizado em base de dados secundária no Sistema de Informação de Agravos de Notificação — versão Net (SINAN Net) —, em que foram analisadas 3.593 notificações de violência contra idosos procedentes de 524 municípios brasileiros. Em termos absolutos, o estado com maior número de notificações foi São Paulo, com 1.073, o que correspondeu a 30% de todas as notificações. Já o estado do Pará não registrou nenhum caso de violência, o que indica a possibilidade de ocorrência de subnotificação.²

No que concerne aos anos estudados, de acordo com a série histórica do período, o aumento gradativo de denúncias

percebido entre os anos de 2011 e 2012 e entre 2012 e 2013 pode estar relacionado ao número de denúncias como reflexo da implantação do Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa para o período de 2007-2010, fruto de um esforço conjunto do governo federal, do Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos (CNDI) e dos movimentos sociais, cujo objetivo foi promover ações organizadas, acompanhadas e avaliadas em todas as suas etapas para o enfrentamento de todas as formas de violência contra a pessoa idosa.⁸

Pela análise inferencial, foi possível concluir que a maior percentagem das possíveis vítimas são pessoas do sexo feminino. Esse dado corrobora a maioria dos achados de outros estudos nacionais, os quais apontam que as mulheres são mais agredidas do que os homens. No entanto, em dois estudos sobre violência contra o idoso, os homens apareceram como as principais vítimas de maus-tratos.^{9,10} A mulher quando idosa é duplamente fragilizada em função das circunstâncias do envelhecimento, frequentemente marcado por doença crônica e por crescentes níveis de incapacidade, podendo gerar dependência multidimensional, o que contribui para a sua vulnerabilidade acrescida.^{4,11}

Em contrapartida, alguns autores expõem que a maior vítima de violência é a mulher pela dinâmica de dominação de gênero, expressa nas relações de poder tanto no espaço intrafamiliar como no extrafamiliar.¹²⁻¹⁴ Nessa linha de raciocínio, outra perspectiva de explicação não seria pela magnitude do problema ser maior no sexo feminino, mas pelo fato de a detecção ser maior nesse sexo, pois a mulher procura atendimento e alega ter sido violentada com maior frequência que os homens.¹⁵

Em relação à faixa etária, verifica-se que o maior número de registros de denúncia ocorreu entre 76 e 80 anos, seguido por 71 e 75 anos. Portanto são mais vulneráveis idosos de 71 a 80 anos, dado que vem ao encontro de outros estudos, os quais demonstram que os idosos mais violentados se encontravam nessa faixa etária.¹⁶ Porém a maioria dos estudos encontrados aponta para uma faixa etária diferente, entre 60 e 70 anos de vida.^{1,14,16,17}

No que se refere à cor/raça, a maioria das denúncias envolvia idosos de cor branca, em concordância com os achados na pesquisa realizada com notificações de violência captadas pelo SINAN-Net, setor saúde 2010.¹ Todavia, esse resultado diverge do de outros autores que apontam os idosos de cor preta e parda como os mais vulneráveis à violência, por existir uma construção social de exercício de dominação-exploração em relação aos pretos, fruto da herança escravocrata, que traz consigo o preconceito e a discriminação.^{18,19} Nesse sentido, ser um idoso do grupo negro aparece

como fator de risco para sofrer violência, mas outros estudos destacam o fato de a cor estar associada às condições de vida, por isso, pretos e pardos podem ser um grupo vulnerável à violência não apenas pela cor em si, mas também pela situação de pobreza, potencializando a ocorrência da violência.²⁰ Outros estudos têm demonstrado que pessoas de todos os *status* socioeconômicos, etnias e religiões são vulneráveis aos maus-tratos.²¹

Em relação aos tipos de violências, as denúncias de negligência predominaram no período analisado, seguida por violência psicológica e abuso financeiro. Quanto à negligência, esses achados assemelham-se aos encontrados na pesquisa realizada em unidades básicas inseridas na Estratégia Saúde da Família (ESF) de Santa Catarina, no ano de 2011. Entre os tipos de violência intrafamiliar encontrados, predominava o abandono/negligência.²² Esse resultado também foi obtido em estudos realizados no banco de dados do Alô Idoso e do Serviço Especializado de Atenção ao Idoso (SEDI), em Fortaleza, e no banco de dados do SINAN-Net, em Aracaju.^{13,23}

No que tange à violência psicológica, pesquisas apontam como a mais frequente, seguida da violência física, do abandono e da negligência,^{16,17} no entanto algumas pesquisas que obtiveram resultados semelhantes aos deste estudo apontam a violência financeira em terceiro lugar.²³

Os abusos econômicos e financeiros, hoje no país, não só expressam e sintetizam a simultaneidade das várias formas de violência, mas também retratam a vulnerabilidade do idoso ante os familiares, capazes de apoderarem-se de sua fonte financeira e dos seus bens. Quem os comete, consciente ou inconscientemente, decreta a morte e a exclusão social do idoso.²⁴

Em relação ao local da ocorrência da violência contra os idosos, os dados indicam que o maior percentual de violência ocorre na casa da vítima, seguido pela casa do suspeito. Resultados semelhantes para a violência doméstica foram encontrados em outros estudos nacionais sobre o tema.¹

Um dos argumentos que explicaria a maior frequência de situações de violência no domicílio, tanto em homens como em mulheres idosas, seria o fenômeno do choque de gerações, permeado por disputas por espaço físico e também por dificuldades financeiras na família.¹³

No que se refere aos possíveis agressores, os filhos são os principais suspeitos de cometer agressão contra o idoso no ambiente familiar, seguidos dos netos. Tanto no Brasil como em outras regiões do mundo, os filhos continuam sendo os principais executores de violência, ou mesmo os membros da família com quem, na maioria das vezes, o idoso reside, conforme estudos realizados no Brasil, nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Índia.^{1,9,25,26}

Embora exista no Brasil e no mundo amparo legal para que a pessoa idosa vítima de maus-tratos denuncie tal condição, a relação de proximidade entre a vítima e seu agressor interfere na decisão. Na maioria das vezes, por ser o agressor um membro da família, isso ocasiona conflitos de afeto dados os laços familiares. Assim, esses idosos ficam em dúvida se devem ou não denunciar seu agressor.¹¹

Algumas limitações do estudo devem ser consideradas na análise dos resultados, uma vez que o registro de violência no Disque 100 não retrata toda a magnitude do problema, pois os dados estudados são possíveis denúncias. O Disque 100 é um instrumento em que a denúncia pode ser realizada por meio eletrônico, como *e-mail*, e por telefone. Desse modo, os dados oriundos desse canal de denúncia podem apresentar uma série de inconsistências em virtude de trotes. Se os dados fossem coletados em todos os canais de denúncia disponíveis — polícia militar, Conselho do Idoso, Ministério Público, Defensoria Pública e Vigilância Sanitária —, seria possível conhecer a verdadeira face da violência contra idosos no Brasil.

Outra limitação do estudo foi o banco de dados, que foi copiado na íntegra pelos servidores do Disque 100 e entregue às pesquisadoras. Ao abrir o banco para retirar as variáveis da pesquisa, observou-se que a forma de registro dos dados pela SEDH não segue uma sequência organizacional única em todos os anos. Ou seja, cada ano tem um tipo de registro, o que dificulta a análise dos dados disponibilizados. O pesquisador tem de trabalhar com muita atenção nessa inconsistência para evitar um viés.

CONCLUSÃO

Este estudo observou que a prevalência de notificações de violência por regiões geográficas brasileiras foi maior no Sudeste (42,27%), seguido da Região Nordeste (28,46%). A maioria dos casos denunciados (63,64%) tem como vítima a mulher. Por faixa etária, constatou-se que 18,32% dos casos têm por vítima idosos com idade entre 76 e 80 anos, com predominância feminina e de cor branca, sendo a família apontada como a principal violadora de direito dos idosos, destacando-se os filhos como principais agressores denunciados. No que se refere aos tipos de violência, a negligência foi a mais recorrente, seguida da violência psicológica e do abuso financeiro.

O Disque 100 é uma das ferramentas mais eficazes para romper o silêncio e a invisibilidade da violência contra os idosos. Contudo alguns municípios brasileiros dispõem de seu próprio sistema de denúncia, além do Disque 100, como: Disque Idoso de Sobral, interior do Ceará; Ligue Idoso, no estado do Rio de Janeiro; Disque Idoso de Marília, Manaus e Paraná. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas nos municípios ou estados que disponibilizam outros locais de denúncias, pois os dados estatísticos são fundamentais na formulação de políticas públicas na área do envelhecimento.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

FINANCIAMENTO

Nenhum.

REFERÊNCIAS

1. Brito FC, Litvoc J. Conceitos básicos. In: Litvoc J, Brito FC, editores. Envelhecimento: prevenção e promoção da saúde. São Paulo: Atheneu; 2004. p. 1-16.
2. Mascarenhas MDM, Andrade SSCA, Neves ACM, Pedrosa AAG, Silva MM, Malta DC. Violência contra a pessoa idosa: análise das notificações realizadas no setor saúde - Brasil, 2010. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2012;17(9):2331-41. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000900014>
3. International Network for the Prevention of Elder Abuse (INPEA). Portal [Internet]. Vancouver: INPEA; 2010 [acessado em 20 set. 2016]. Disponível em: <http://www.inpea.net/>
4. Passinato MT, Camarano AA, Machado L. Idosos vítimas de maus-tratos domésticos: estudo exploratório das informações levantadas nos Serviços de Denúncia. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; 2006.
5. Brasil. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. 2003.
6. Brasil. Lei nº 12.461, de 26 de julho de 2011. Altera a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, para estabelecer a notificação compulsória dos atos de violência praticados contra o idoso atendido em serviço de saúde. *Diário Oficial da União*. 2011.
7. Brasil. Secretaria de Direitos Humanos. Disque 100 – disque direitos humanos – disque denúncia nacional [Internet]. Brasil: Secretaria de Direitos Humanos [acessado em 1 dez 2015]. Disponível em: <http://www.disque100.gov.br>.
8. Brasil. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Plano de Ação para o Enfrentamento da Violência contra a Pessoa Idosa. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; 2007.
9. Oliveira MLC, Gomes ACG, Amaral COM, Santos LB. Características dos idosos vítimas de violência doméstica no Distrito Federal. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2012;15(3):555-66. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232012000300016>
10. Amstadter AB, Zajac K, Strachan M, Hernandez MA, Kilpatrick DG, Acierno R. Prevalence and correlates of elder mistreatment in South Carolina: the South Carolina elder mistreatment study. *J Interpers Violence*. 2011;26(15):2947-72. <https://doi.org/10.1177/0886260510390959>
11. Romero DE. Diferenciais de gênero no impacto do arranjo familiar no status de saúde dos idosos brasileiros. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2002;7(4):777-94. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232002000400013>
12. Faleiros VP. Violência contra a pessoa idosa ocorrência, vítimas e agressores. Brasília: Universa; 2007.
13. Souza JAV, Freitas MC, Queiroz TA. Violência contra os idosos: análise documental. *Análise documental. Rev Bras Enferm*. 2007;60(3):268-72. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000300004>
14. Pillemer K, Finkelhor D. The prevalence of elder abuse: a random sample survey. *Gerontologist*. 1988;28(1):51-7. <https://doi.org/10.1093/geront/28.1.51>

15. Nogueira CF, Freitas MC, Almeida PC. Violência contra idosos no município de Fortaleza, CE: uma análise documental. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2011;14(3):543-54. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300014>
16. Duque AM, Leal MCC, Marques APO, Eskinazi FMV, Duque AM. Violence against the elderly in the home environment: prevalence and associated factors (Recife, State of Pernambuco). *Ciênc Saúde Coletiva*. 2012;17(8):2199-208. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000800030>
17. Moraes CL, Apratto Júnior PC, Reichenheim ME. Rompendo o silêncio e suas barreiras: um inquérito domiciliar sobre a violência doméstica contra idosos em área de abrangência do Programa Médico de Família de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2008;24(10):2289-300. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008001000010>
18. Santos ACPO, Silva CA, Carvalho LS, Menezes MR. A construção da violência contra idosos. *Rev Bras Geriatr Gerontol*. 2007;10(1):115-28. <https://doi.org/10.1590/1809-9823.2007.10019>
19. Souza ER. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005;10(1):59-70. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100012>
20. Nunes, SS. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de violência explícita. *Psicologia USP*. 2006;17(1):89-98. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>
21. Minayo, MCS. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. *Cadernos de Saúde Pública*. 2003;19(3):783-791. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2003000300010>
22. Shimbo AY, Labronici LM, Mantovani MF. Reconhecimento da violência intrafamiliar contra idosos pela equipe da Estratégia Saúde da Família. *Esc Anna Nery*. 2011;15(3):506-10. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000300009>
23. Soares ACGM, Santos EM, Fonseca V, Oliveira LGF. Perfil epidemiológico da violência contra o idoso no município de Aracaju. *Interfaces*. 2015;3(2):109-20. <http://dx.doi.org/10.17564/2316-3801.2015v3n2p109-120>
24. Apratto Júnior PC. A violência doméstica contra idosos nas áreas de abrangência do Programa Saúde da Família de Niterói (RJ, Brasil). *Ciênc Saúde Coletiva*. 2010;15(6):2983-995. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000600037>
25. Biggs S, Monthorpe J, Timper A, Doyle M, Erens B. Mistreatment of older people in the United Kingdom: findings from the first national prevalence study. *J Elder Abuse Negl*. 2009;21(1):1-14. <https://doi.org/10.1080/08946560802571870>
26. Skirbekk V, James KS. Abuse against elderly in India - the role of education. *BMC Public Health*. 2014;14:336. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-14-336>